Arquitetura da crise

Milho escasso e mais caro preocupa os criadores de aves e suínos e torna o setor dependente das importações



A atividade pecuária do país passa por um momento muito delicado, em particular para as criações de aves e suínos – dois segmentos tecnificados de papel preponderante na oferta interna de alimentos e na geração de divisas através da exportação. Ambas dependem do milho e da soja, cujos grãos constituem a base da alimentação de seus rebanhos.

Situação crítica

O alerta sobre prováveis problemas relativos à disponibilidade de milho foi dado no ano passado. A preocupação decorre não só da necessidade de trazer grandes quantidades de milho dos Estados Unidos e da Argentina, mas de possíveis atritos com ONGs e importadores. A razão é simples: esses países possuem lavouras constituídas de grãos geneticamente modificados.

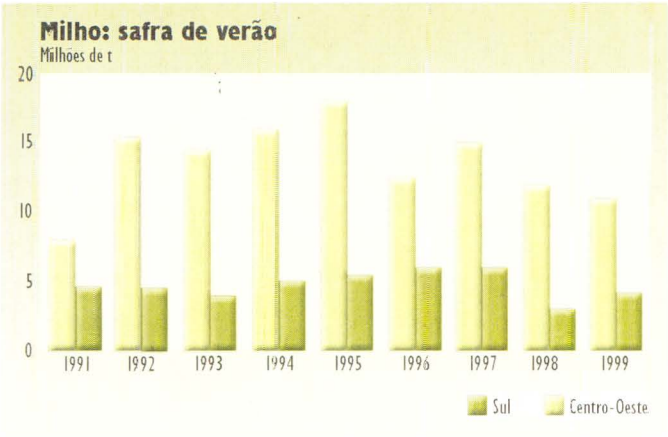
A comercialização desestruturada e mal organizada tornou inócuos os esforços para aumentar a produção de milho. Esse diagnóstico, que perdura há mais de 10 anos, é muito mais uma questão de política agrícola do que de técnica agronômica. Para piorar as coisas, as vantagens da soja sobre o milho, em termos de rentabilidade, ficaram acentuadas a partir da Lei Kandir: ao isentar as exportações do complexo soja de ICMS, a produção da leguminosa ganhou forte estímulo. Com isso, a produção do cereal estagnou e até diminuiu na safra de verão da região Centro-Sul do país.

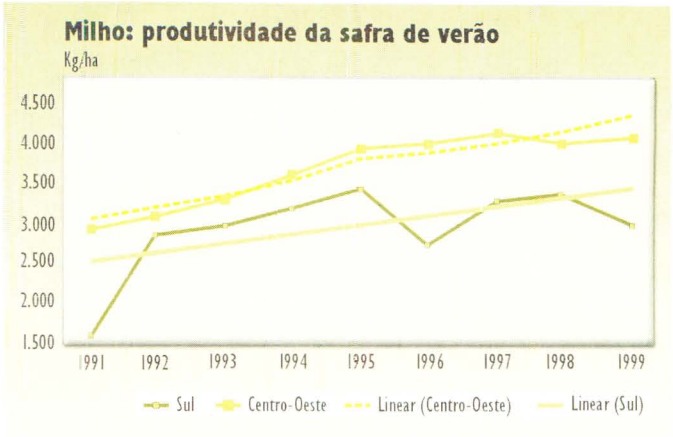
Preços sobem

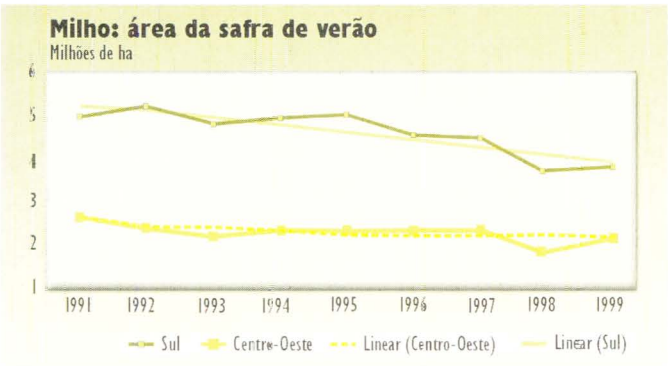
Até a próxima colheita, a situação do abastecimento de milho é de forte arrocho. A quebra da safrinha aguçou a conjuntura de escassez. Justamente neste ano a indústria de ração, que participa com mais de 65% no consumo de cereal no país, projeta ampliar sua demanda em 6,8%. Os preços respondem com ascensão: estão mais de 50% acima do valor considerado médio para condições normais – US$90,00 a tonelada. Durante esse segundo semestre, o limite de alta esbarrará no custo de importação.

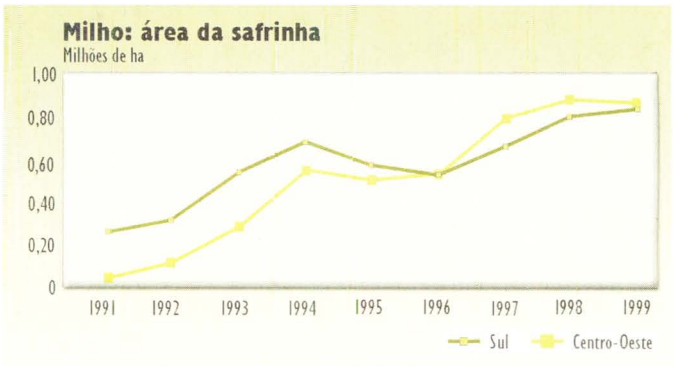
Houve reversão nas expectativas. Esperava-se um crescimento de 13% na produção da safrinha, mas a longa estiagem frustrou a colheita. A produção deverá ficar levemente abaixo da do ano passado, que foi de 5.651,4 mil toneladas segundo a Conab.

O bom desempenho da lavoura no Nordeste é uma notícia importante, já que a região é deficitária no cereal. Com a safra de verão estimada em 27,1 milhões de toneladas (Conab), a oferta será de 32,7 milhões de toneladas. Para fechar o balanço, as importações terão de aumentar.

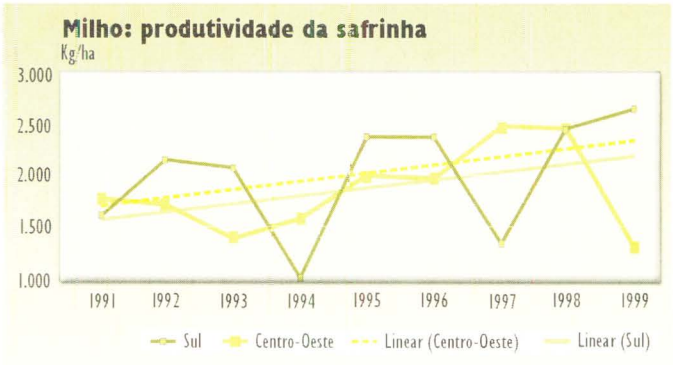












Drama na pecuária

É importante ter uma visão além do horizonte conjuntural do milho. No campo a produtividade crescente do cereal na região Centro-Sul não tem compensado a diminuição registrada na área. Com isso, a cada ano o tamanho da safra aumenta sua dependência da chamada safrinha (safra de inverno ou segunda safra). O risco de quebras também fica maior. O milho da safrinha ocorre tarde em relação ao período das chuvas, pois normalmente é plantado após colheita da soja precoce, sendo altamente suscetível à variação dos índices pluviométricos. Sofre também o perigo de geadas, como aconteceu em 1994.

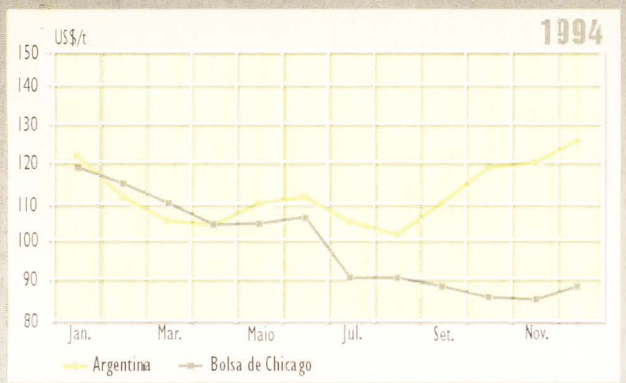
Se por um lado a produtividade aumentou na safrinha, por outro preocupam suas abruptas variações tanto no Sul como no Centro-Oeste. É muito pequena a previsibilidade do milho segunda safra – um verdadeiro drama para o planejamento e o desempenho da avicultura e da suinocultura, ambas à mercê de fatores aleatórios como a dependência de chuvas na safrinha. É o caso deste ano.

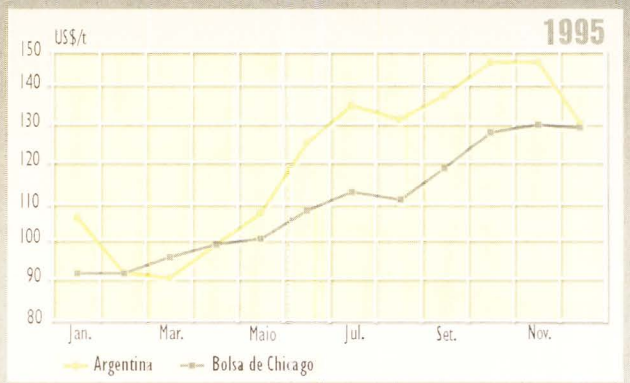
Dependência de importações

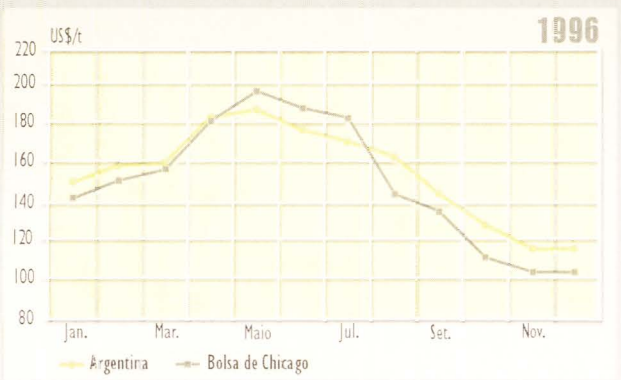
O Brasil depende crônica e historicamente da importação de milho para fechar seu balanço de oferta e demanda. Não há sinais de reversão dessa conjuntura a curto prazo. Isso abre espaço para a produção de sorgo no Centro-Oeste, cultura que desponta como boa alternativa a médio prazo. O grupo Pró-Sorgo estima que a produção dessa região chegará à safra 1999/2000 perto de 1 milhão de toneladas.

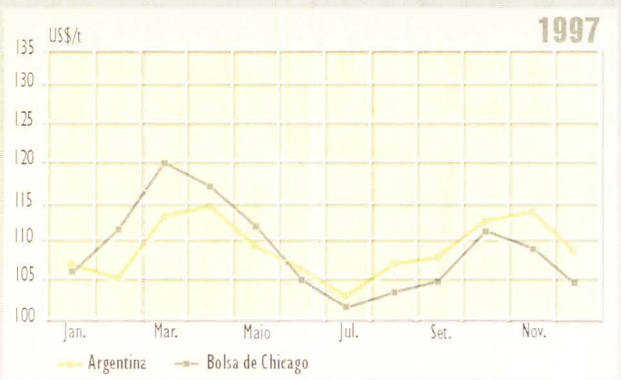
A tomar por base o cenário de dependência da importação de milho, a Argentina ganha papel estratégico como grande fornecedor para o país. Os grãos não originários do Mercosul so-

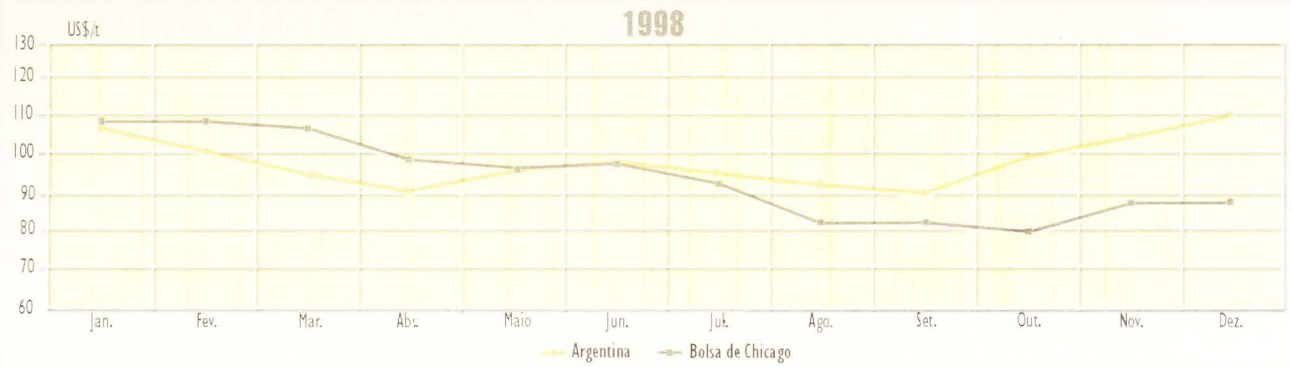
Evolução das cotações de milho – Argentina x Bolsa de Chicago
Período 1994–98











frem a aplicação da TEC (Tarifa Externa Comum), de 11%. Somente as empresas exportadoras podem importar milho em regime de *draw-back*, sem o pagamento da TEC. Os produtores de aves e suínos não gozam dessa opção, assim como os produtores do Nordeste: nesses casos o ideal é criar mecanismos para que as compras sejam feitas com concorrência.

Safra de liminares

Um novo elemento para discussão é a proibição de desembarque de grãos, ante a denúncia da presença de transgênicos por parte de ONGs. Embora a CTNBio tenha liberado em 30 de maio último a importação de milho transgênico para ração, o impasse continua e promete durar porque as ONGs recorrem à Justiça, provocando uma safra de liminares.

Mas a questão não é apenas estabelecer graus de tolerância para a importação de transgênicos. É preciso ainda apurar se os exportadores querem ou não produzir aves ou suínos livres dos geneticamente modificados. O Japão estabeleceu nível de 5%

Brasil: balanço de oferta e demanda de milho

Ano	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Excedente	Exportação	Estoque final
1979	901,80	14.016,70	1.500,00	16.417,70	16.416,00	1,00	0,00	1,00
1980	1,00	16.513,20	1.520,00	18.034,20	17.700,00	334,20	0,00	334,20
1981	334,20	19.434,80	2.011,00	21.780,00	20.600,00	1.180,00	0,00	1.180,00
1982	1.180,00	21.282,70	0,00	22.462,70	21.100,00	1.362,70	0,00	1.362,70
1983	1.362,70	21.603,70	0,00	22.966,40	20.600,00	2.366,00	543,00	1.823,00
1984	1.823,00	19.014,10	465,00	21.302,00	19.740,00	1.562,00	739,00	823,50
1985	823,50	21.177,50	0,00	22.001,00	19.700,00	2.301,00	180,00	2.121,00
1986	2.121,00	21.173,90	200,00	23.494,00	22.894,00	600,00	0,00	600,00
1987	600,00	26.750,30	2.936,00	27.118,00	24.820,00	1.298,00	0,00	1.298,00
1988	1.298,00	26.758,30	360,00	28.516,00	25.410,00	3.106,00	0,00	3.106,00
1989	3.106,00	25.223,60	0,00	27.530,00	24.051,00	3.479,00	0,00	3.479,00
1990	3.479,00	22.257,00	700,00	26.436,00	25.200,00	1.238,00	0,00	1.238,00
1991	1.237,50	24.096,00	832,20	26.436,00	25.288,00	1.148,00	0,00	877,80
1992	877,80	30.771,00	340,00	26.165,70	28.500,00	-2.334,30	0,00	3.489,00
1993	3.489,00	29.207,40	1.497,90	31.988,80	30.775,00	1.213,80	0,00	3.419,00
1994	3.419,00	33.173,50	1.568,50	34.194,30	32.732,00	1.462,30	0,00	5.249,00
1995	5.249,00	37.441,90	994,10	38.161,00	34.860,00	3.301,00	0,00	8.996,00
1996	8.996,00	32.404,70	377,00	43.685,00	35.912,00	7.773,00	607,60	5.961,70
1997	5.961,70	35.703,00	500,00	42.164,70	35.913,70	6.251,00	82,30	6.169,00
1998	6.189,00	30.188,00	1.765,00	38.142,00	35.020,00	3.122,00	0,00	3.122,00
1999	3.122,00	32.417,00	1.100,00	36.639,00	35.000,00	1.639,00	0,00	1.639,00
2000	1.639,00	32.690,00	2.071,00	36.400,00	35.700,00	700,00		700,00 *

Obs.: 1978 a 1989: posição em 1° de março.

* Pressupondo estoque final equivalente a 20% do consumo.

de tolerância para milho BT, ou seja, a carga pode ter até 5% do gene BT. A UE adotou tolerância de 1% exclusivamente para genes aprovados por eles. Os países vão paulatinamente tomando suas posições.

O PARADOXO E AS ALTERNATIVAS

Para o criador ou exportador é um paradoxo anunciar produtos livres de transgênicos informando que são tratados com grãos portadores de OGMs. Não basta apenas discutir se o Brasil tira ou pode tirar vantagem da venda de seus grãos ou produtos industrializados por preços maiores ou menores sob a argumentação de serem ou não transgênicos.

Existem no mercado alternativas para milhos transgênicos. Nos Estados Unidos há empresas dispostas a exportar milho IP (identidade preservada) e MVA (milho de valor agregado), desenvolvidos por genética convencional, sem transgenia (como por exemplo o de alto teor de óleo). Os produtos IP e MVA são mais caros – no caso do milho IP por causa dos custos adicionais de operações de segregação.

Quando se analisa o comportamento das cotações de milho da Argentina e da Bolsa de Chicago (CBOT), percebem-se algumas diferenças. Às vezes o milho norte-americano é mais competitivo do que o argentino. Isso ocorre com maior freqüência no último trimestre do ano, justamente o período correspondente à entressafra no hemisfério Sul.

Tendo em vista que nos últimos meses do ano a competitividade do milho dos EUA é maior, a remoção da TEC de 11% pode permitir aos avicultores e suinicultores compensarem os custos maiores do milho IP e MVA.

Essa situação não implica necessariamente a diminuição da importação da Argentina. Ela aumentaria a competição entre fornecedores, resultando em melhores condições de compra. Os maiores beneficiados são justamente os produtores sem acesso ao *draw-back*. Nas ocasiões de melhor preço nos EUA, os brasileiros poderiam tirar vantagem dessa situação de mercado, o que não ocorre hoje (**L.A.P.** e **R.A.**)

Obra consultada: OGM e a produção animal no Brasil. Navarro de Andrade, Alfredo, jun. 2000, mimeo. O autor é representante no Brasil da US Grain Council.

